

O SAPO

Semanario litterario e humoristico

REDACTORES : DIVERSOS

ANNO I

R. 15 de Novembro, 43

CURITYBA, 4 DE DEZEMBRO DE 1898

Assignaturas
Mensual 1\$0000

N.º 39



Memorias de D. Ramon

A' JUVENAL DOS SANTOS

—Bôa noite Condessa, disse-lhe eu, beijando a dextra rosada e pequenina.

—Muito folgo em vel-o D. Ramon e, estirou-se languidamente sobre um divan de negro estofo. O salão, profusamente iluminado apresentava o aspecto de um pagode orientál!

Reposteiros de *faillie* negro, com o monogramma do conde bordado a prata, cahiam em falbalás caprichosos e indolentes! Grandes espelhos de crystal finissimo, jaziam exacticos na grande mudez dos incompreendidos.

Ricos consólos de mogno, pedajados de bibelots de biscuits e terra-cotta, jarras de crystal sonoro, estatuetas de bronze byzantino, acotovelavam-se n'uma promiscuidade de cores e posições.

Ao lado, pendia em moldurado em finissimo *passee partout*, o retrato de D. Luiz de Cespedes, o dono do solar e, marido da suggestiva Condessa.

Lia-se em sua frente, os oitenta janeiros passados entre o clangor bellicoso das batalhas, travadas entre a plebe e a aristocracia.

Viuvo ha muitos annos, arastando só, completamente só, essa vida rheumatica da velhice; vio um dia essa creança ideal com

quem casára ha um anno, realizando o perigoso consorcio, do inverno com a primavera!

A Condessa, tinha approximamente dezoito annos, era de essa belleza que arrebatava. Seu rosto era alvo, como o branco lyrio dos vallados.

Seos olhos de azeviche, impregnados de voluptia, brilhavam como pedaços de onix encrustados em calcedonias.

Longa cabelleira negra ornava esse rosto encantador.

Seo porte airoso, atestava fidalgamente a sua hierarchia.

—Venho saber Condessa o motivo de seo chamado.

—Em primeiro lugar, agradeço-lhe immensamente a sua pontualidade. Completa-se amanhã um anno do meo feliz consorcio; Luiz, meo adorado marido foi pessoalmente convidar os nobres dos solares visinhos para festejarmos essa data, mas... para essa festa ter uma nota verdadeiramente nova, é que o pãndei

chamar.

—As suas ordens Condessa.

—Despo que D. Ramon escreva uma baldada, onde cada letra, cada verso, cada estrophe contenha um poema de amor á meo marido.

—Bem Condessa — disse levantando-me, — volto para minha herdade e, é impossivel que n'aquelle retiro sandoso as musas não accudam-me, para em estrophes singellas, cantar a sua belleza e ao marido feliz...

—Não. Quero vel-o escrever e, volveo-me os olhos carinhosamente — na minha camara tem todos os accessorios para esse fim. Vamos. — Machinalmente a fui seguindo.

Entramos em sua alcova, quanto luxo! quanta riqueza! Um perfume irritante e provocador, atordoava-me os sentidos.

No centro, um grande cortinado bordado a ouro, velava o thalamo nupcial.

Sentei-me em uma poltrona, juncto da secretaria que aguardava-me.

Ella... n'essa indolencia de mulher formosa, recostou-se sobre o leito.

Profundo silencio!

Apenas ouvia-se o arfar dos seios da Condessa.

Quando porem, no momento propicio ia imprimir no papel a primeira estrophe, notei a falta de tinta ou lapis.

—Mas... a tinta Condessa?

—Vem buscala, disse-me ella apresentando os labios.

THIAGO PEIXOTO.

PEROLAS (10)

Claustral

Quiz a estameña enregelar-me a intensa Febre d'aquelle olhar que eu tanto amava; Loucura atroz : não ha cilicio ou clava Que a uma alma que ama a não amar con-
[vença.

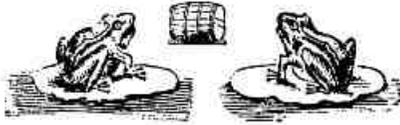
Ah ! quanta vez com a alma triste e es-
[crava
Cahi de joelhos n'uma prece immensa,
Julgando orar ao deus da minha creença,
Quando era o nome della que eu rezava.

Pude em seus olhos ter o ceu completo,
E a biblia em ti, ó seios mornos, tel-a ;
E ao enclamar o Amor na Prece, inquieto,
[to,

Como um phantasma dentro de uma es-
[trella,
Faltou-me Deus, porque era o men affecto
Purissimo deus para esquecel-a.

1897.

SILVIRA NETTO



Anniversário

Imaginem os nossos bons leitores e miúdas leitoras que o sympathico Lencudinho, conhecem?... o L. Correia, nosso Chefe, cahiu na grande asneira de fazer 23 annos, na Quinta-feira ultima e consentir, ainda para seu mal, que a noticia se espalhasse, o que deu o seguinte resultado:

Cabiu-lhe em casa, á noite, uma hora de engrossadores, a pretexto de saudar-o, e... não lhes conto nada...

Foi tudo raso: *Comes e Bebes*, os mandros queriam, a todo o transe, fazer uma liquidação (o que não conseguiram); depois, entendendo que era pouco, mudaram-se da mesa para a sala e castigaram as moças a seu tel-prazer, isto é, cantando, tocando e dançando.

Mas é bem feito para que ninguém se lembre mais de fazer annos e ficar em casa; quem o tal fizer está sujeito á só descaçar as 2 horas da madrugada, como aconteceu ao nosso homem.

Não vão agora pensar que lá estiveram o Ni..., o Gas..., o Th..., o Leop..., o Pó..., o Luc..., o Bi..., o Peix..., o Pp..., etc.

SAPO NETTO.

Farpas

A gente é, ás vezes, victima de *paulificações* tão terriveis, que dão impetos de mandar para o diabo o cacete...

Como, porem, o viver em sociedade impõe-nos deveres reciprocos, em virtude dos quaes havemos que ser tolerantes ainda para com os maiores *páos*, — não ha remedio senão soffrel-os com resignação.

Ora, como sabem os leitores, a polka militar, — a celebre, que a um poeta inspirou uns bellos versos, que foram publicados n'este periodico — é a polka da moda.

E como tudo que é da moda é, de preferencia, usado, adoptado, batido, occupado, commentado, amado, até que d'ella saía, — hoje só se dança a *celeberrima*, só se

falla da *celeberrima*, só se sente pulsar o coração de amor a *celeberrima*...

Ainda não disse tudo. E' motivo de serio reparo (não diria melhor de escandalo?) e, até, de chufa, não saber dançar-a.

De chufa principalmente; mesmo porque o sorriso ironico fica muito bem nos labios dos dançadores (masculinos), dando a estes uns ares de caturras e de bestas.

Em um baile do Coritibano estava eu acantoadado, triste, n'um angulo meio escuro do salão nobre, apreciando a celebre... E, encorujado e sorumbatico, dizia lá no meu cautinho, parodiando o já referido poeta: «Que p'ra p'ra entristecer!...»

De facto, quem me visse, diria que me estava pungindo alguma dor.

O R. P. dançava, sensual e elegantemente, com maestria de... *maestro*... De repente, por acaso, lança-me elle um olhar e se aproxima de mim com o respectivo par. «O que está fazendo ahí tão macambuzio?» pergunta-me elle. E ella: «O senhor não sabe dançar a polka militar?» — Nem a civil, minha senhora.

A' minha resposta, o R. P. se espaventa e, admirado e estupefacto, brada:

— Não sabe?... E acrescenta sentenciosamente: Pois a polka militar é a polka que exige *MENAS sciencia*...

E sorria, sorria, sorria, com aquelle sorrir de que falei acima; e parecia, n'esse momento, que se lhe notava um extranho accressimo auricular...

Eutão a dama, desconfiando talvez da *paulificação* do R..., convidou-o á continuação da polka. E eu pude respirar, ficando só, acantoadado lá n'um angulo meio escuro do salão, a meditar sobre a *celeberrima*...

EPAMINONDAS.

Aromas

A' M. D. S.

Tem um perfume extranho aquella luva achada no deserto

salão, depois do baile extincto. Luva em que de mulher a graça ideal presinto, na fina contextura esguia e adelgaçada.

Rescende a cravo branco, á rosa avermelhada... e entre as exhalações dos lyrios, do jacintho, salienta-se, do *odor di femina*, o indistincto almiscar, que é da carne a essencia sublimada.

Quanto mais eu aspiro essa fragraucia rara, mais me parece ser aquella luva achada um vaso japonez de porcellana clara, donde houvessem tirado as flores perfumosas, deixando a rica jarra apenas infregnada dos aromas subteis de gira-sões e rosas...

Y. G.

Rimando, remando...

A' HENRIQUE JOUVE

Silencio e muito segredo
Que é grave o que vou contar:
Façanhas de amor!... Que medo!
Poesias!.. Sonhos de luar.

O Jouve, aquelle damnado,
Isto é serio e sem igual,
Anda todo apaixonado
De uma nota musical.

E essa paixão — vejam só! —
E' tão grande que o pinante
Está compondo um rondó,

Todo catita e liró,
Em que a nota dominante
E' o *repiteco* do dó...

SECRETA.

O Professor

I

Eramos uns oito ou dez.
Davamos a nossa lieção em classe, constando ella de leitura de trechos dos Autores Classicos, lidos por cada um de nós.

O professor, o velho Braz, muito serio, baixinho, extremamente gordo, sentado na sua cadeira em frente a grande mesa que dava-lhe por cima dos hombros, acompanhava-nos na leitura com o volume entre as mãos, ora

